

**PROCESSOS DE GRAMATIZAÇÃO DE PREPOSIÇÕES
DO LATIM AO PORTUGUÊS
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Amós Coêlho da Silva (UERJ e UGF)

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes.
*Processo de Gramaticalização de Preposições do
Latim ao Português – Uma abordagem funcio-
nalista.* Salvador: EDUFBA, 2002.

Rua Augusto Vikana, 17 – Canela –40110-060 –
Salvador – BA – Tel.: (71) 331-9799 e 245-9564
E-mail: edufba@ufba.br

Trata-se de uma publicação a partir de uma tese de Doutorado em Língua Latina, à luz de uma teorização fundamentada nas mais recentes abordagens da Lingüística Geral e da Lingüística Histórica. Os dados empíricos, tomados em estudos, são da língua latina de obras literárias e do português arcaico, em muitos confrontos com a latinidade do século VI e a versão portuguesa contemporânea do século XIV (*Diálogos do Papa Gregório Magno*). O objeto de estudo é a análise dos processos de gramaticalização das preposições do latim ao português.

Nos nossos dias, os processos de gramaticalização têm sido estudados à luz da perspectiva sincrônica, tratando sempre dos usos no discurso para a gramática, mas, neste livro, o enfoque é diacrônico e partir do latim ao português, quase não estudado na modernidade, salvo os trabalhos encetados por Mattoso Câmara.

Primeiramente, a Autora forma um quadro sinótico, comentando trabalhos lingüísticos desde a Escola Lingüística de Praga, com suas bases estruturalistas, explicitando, até as mais recentes investigações lingüísticas: contribuições desde Aristóteles a F. de Saussure, M.A.K. Halliday, A. Martinet, J. Lyons, J.W. Du Bois, G. Lakoff, C.S. Dik, B. Pottier, M.H.de M. Neves e outros, todos com contribuições consagradas, como os comparativistas Franz Bopp, A. Meillet, E. Benveniste; assim também, são citados outros importantes gramáticos da língua portuguesa como Evanildo Bechara, Celso Cunha, bem como de latim: Ernesto Faria, Mariano Bassola de Climent, Alfred Ernout, formando uma bibliografia excelente.

Do exame da preposição, concluem-se dois universos: plano da dimensão e da noção. Daí, levando em conta um paralelismo metafórico entre o tempo e o espaço, destaca-se de uma dêixis espacial

(aqui / ali) uma outra dêixis temporal (aqui : agora:: ali : então); por isso, temos três semas genéricos: *espaço, tempo e noção*. O elemento nocional é também (também, porque a metáfora é orientadora de abstração) a partir da orientação espacial: ex.: *frons, frontis*: frente, frente – em inglês, passa a compor a locução prepositiva *in front of* – até o século XVII tal expressão ainda não estava gramaticalizada, para isso, ela percorreu todo um processo, a partir de um ponto metafórico (também a metonímia concorre no processo de gramaticalização).

De um modo geral, as preposições, afixos, flexões casuais e advérbios espaciais compõem um quadro dentro da gramática das línguas naturais *na expressão de relações espaciais* (p. 49). Observa a Autora que A. Meillet, em 1912 (p.66), foi o primeiro a empregar o termo gramaticalização. E afirmou que a decorrência de novas formulações gramaticais se dá através da *analogia e gramaticalização*.

Num momento mais antigo, as línguas indo-européias realizavam plenamente a sua comunicação com os casos sufixais. Parece que houve um enfraquecimento da eficácia das desinências e elas passaram a ser subsidiadas com campo semântico de expressões de valor adverbial. Estes elementos de valor adverbial, compondo sintaticamente com verbos, ganharam novas feições ao definirem mais precisão para alguns casos sufixais de nomes e, por suas novas características, formaram uma novo quadro gramatical com o nome de preposição. Nessa trajetória histórica, algumas palavras continuam ora como preposição ora como advérbio (como *erga* que em Plauto aparece pospositiva ao termo regido; *contra* pode ser advérbio ou preposição) – isso mesmo persistirá em português, que é a situação gramatical de *segundo*. Em latim, *secundus* é antigo participio de *sequor*, passa primeiramente a numeral ordinal, significando “o próximo”, depois, a advérbio, como em Plauto com o significado de “no seguinte” e, em outra fase, torna-se preposição de acusativo: ***Secundum te nihil amicus solitudine*** (Cic. At. 12,15), Depois de ti nada me é mais amigo do que a solidão. Dado o cuidado com a precisão de sentido, as preposições se tornaram prefixos ou prevérbios, ou seja, antepôs-se a raiz do verbo: *circumeo, ir em volta de*.

Na sua pesquisa, notamos a continuidade da importância da diacronia, mas, ao lado de cadeias diacrônicas, há paralelismos sin-

crônicos. Assim, estuda-se o desflexionismo latino em relação ao locucionismo das línguas românicas, sobretudo o português, apontando dentro do próprio latim coexistência de possibilidades de expressão gramatical: 1) dada a possibilidade de o latim poder se expressar também pelo ablativo, cedo este caso flexional absorveu o instrumental e, praticamente, o locativo; também havia outras imprecisões como o genitivo de qualidade: *Ceruum uasti corporis* (Fedro I,5,5), Veado de grande corpulência; *Viro forti et magnae auctoritatis* (Ces. B.G. 5,35,6), homem valente e de grande prestígio ao lado de ablativo de qualidade: *Mulierem eximia pulchitudine* (Cíc. Verr. 1,64), Mulher de extraordinária beleza; *Agésilau et statura fuit humili et corpore exiguo* (C.Nep. 17,8,1), *Agésilau foi de baixa estatura e corpo franzino*; etc. Outro fator foi a polissemia de uma forma, ex.: desinência *-i*, para indicar genitivo singular; nominativo e vocativo plural. Outro fato colaborou: o de a marca de acusativo singular “*m*”, para todas as declinações e na métrica não pronunciado, sofrer apócope, formando o morfema zero do singular em português; a perda da distinção de quantidade prejudicou a clareza entre o nominativo e ablativo no singular da primeira declinação; em suma, generalizou-se em latim o emprego da preposição já existente no sistema; ora, com o desaparecimento dos casos morfológicos, o uso da preposição tornou-se obrigatório.

A fixação da posição dos termos oracionais, conforme A. Ernout e F. Thomas (1953: 8), já se observa no latim tardio *ou chamado latim vulgar*. As preposições do latim clássico só usadas diante de acusativo e ablativo, caracterizando o adjunto adverbial, passam a ser empregadas diante do genitivo e dativo – o que enfraqueceu semanticamente as desinências número-casuais.

Enfim, o acusativo se generalizou e passou a ser empregado em lugar dos outros casos, conforme se lê em seu trabalho em múltiplos exemplos. *Assim, o acusativo converteu-se em caso universal*. (p. 86)

As preposições são partículas relacionais fundamentais na comunicação, embora se observe com J. Vendryes *as chamadas “preposições vazias” com sentido de ‘morfema gramatical dependente do contexto’*. Ou seja, a realização semântica da preposição depende do contexto. Assim, em *casa de pedra* (*de* igual à qualidade,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

matéria), *casa de Pedro* (de igual à posse) e *tenho de partir* (de é vazio de sentido)...

Na passagem do latim ao português, perderam-se algumas preposições, mas o português compensou, conforme a Autora, buscando novas formas compensação: as locuções prepositivas.

Sem dúvida, o trabalho da Autora enriquece o acervo brasileiro e é de grande utilidade até para os que são contra ou contribuem para minizar a existência dos estudos latinos no mundo da educação.